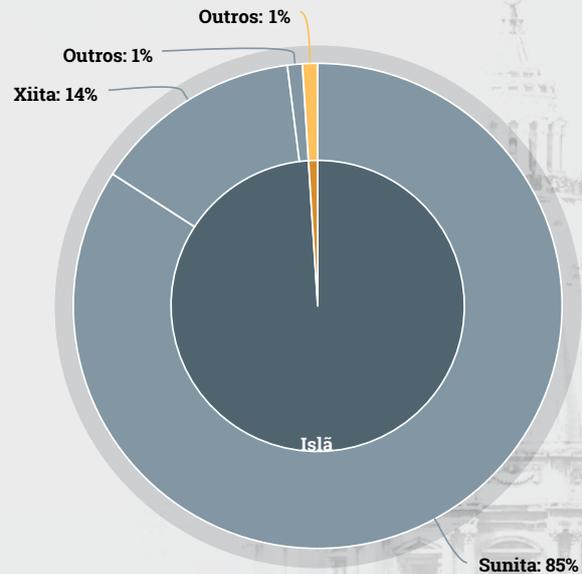


Afeganistão



Não há dados confiáveis disponíveis no que diz respeito à mistura complexa dos grupos étnicos no Afeganistão. A Constituição do país de 2004 reconhece oficialmente quatorze grupos étnicos (pashtuns, tajiques, hazaras, uzbeques, balochs, turcomanos, nuristanis, pamiris, árabes, gujares, brahuis, qizilbashs, aimagues e pashais).^[1] Os pashtuns, que vivem sobretudo no sul e sudeste do país, constituem o maior grupo populacional (calculado em 42% da população), seguidos dos tajiques (calculados em 27%) que vivem no norte e nordeste do país.^[2]

Após a derrota do regime talibã (1996-2001), foi formado um novo Governo sob o comando do presidente Hamid Karzai, que construiu algumas estruturas democráticas. Na sequência das eleições presidenciais de 2014, Ashraf Ghani tornou-se presidente. A guerra norte-americana no Afeganistão terminou oficialmente em dezembro de 2014, mas as tropas da (OTAN) permaneceram no país para treinar forças governamentais. Os talibãs ainda se consideram como o poder legítimo e se mantêm presentes em grande número no país.^[3]

Durante o ano de 2015, o número de mortes civis resultantes da violência contínua foi o mais alto que se registrou, de acordo com a Missão de Assistência das Nações Unidas no Afeganistão (UNAMA), que reportou 11.002 ocorrências com civis (3.545 mortes e 7.457 feridos) documentadas em

2015.^[4] Em abril de 2016, a UNAMA e a UNICEF avisaram que as crianças enfrentavam uma luta crescente para receberem cuidados de saúde e educação, como consequência da violência e da intimidação de todas as partes envolvidas no conflito.^[5] As organizações de direitos humanos e as organizações humanitárias reportaram repetidas vezes o aumento das ameaças e dos ataques ao seu pessoal local.

Os muçulmanos sunitas constituem a esmagadora maioria da população afegã, até 85%, de acordo com estimativas norte-americanas. Os muçulmanos xiitas, calculados em até 15%, são sobretudo da etnia hazara. Os restantes 1% da população incluem cerca de 600 sikhs e 3 mil hindus. Não estão disponíveis estimativas dos seguidores de outras religiões (cristãos, bahá'ís, etc.), porque estes não praticam abertamente a sua religião. A pequena comunidade judaica emigrou para Israel e para os EUA no final do século XX. Alegadamente, um judeu permaneceu no país.^[6]

[1] <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/af.html>

[2] <http://minorityrights.org/country/afghanistan/>

[3] <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/af.html>

[4] <https://unama.unmissions.org/civilian-casualties-hit-new-high-2015>

[5] <https://unama.unmissions.org/education-and-healthcare-risk-children-afghanistan>

[6] <http://www.state.gov/j/drl/rls/irf/religiousfreedom/index.htm?year=2014&dliid=238488>

DISPOSIÇÕES LEGAIS EM RELAÇÃO À LIBERDADE RELIGIOSA E APLICAÇÃO EFETIVA

A Constituição de 2004 define o Afeganistão como uma república islâmica em que é obrigatório que o presidente e o vice-presidente sejam muçulmanos. O artigo 2º concede aos não muçulmanos o direito a exercerem livremente as suas religiões nos limites das leis existentes. O artigo 3º estipula “a conformidade de todas as leis” aos princípios e normas da religião islâmica, o que torna a sharia a principal fonte da lei, apesar disso não ser referido claramente. Diversas práticas e leis governamentais limitam de fato a liberdade religiosa. Os tribunais do país interpretam a lei islâmica a ponto de serem puníveis as conversões de muçulmanos a outras religiões. Em outra interpretação, a fé bahá'í é vista como blasfêmia e os seus seguidores como infiéis. A blasfêmia, que pode incluir textos ou discursos anti-islâmicos, é um crime capital segundo as interpretações que os tribunais fazem da lei islâmica, sendo punível com a pena de morte se o blasfemo não renunciar sua fé no prazo de três dias. De acordo com o relatório de liberdade religiosa do Departamento de Estado Norte-Americano, não são reportados ataques e assassinatos de membros de minorias religiosas realizados pelos talibãs.^[7]

A educação religiosa islâmica é obrigatória nas escolas públicas e nos institutos privados de educação. Não estão disponíveis outras formas de educação religiosa. Não existem restrições explícitas à capacidade dos grupos religiosos minoritários estabelecerem locais de culto ou para formarem o clero. Existem alguns locais de culto para sikhs, hindus e judeus. Não existem igrejas cristãs abertas ao público. As instalações e as embaixadas da coligação militar disponibilizam locais de culto para não afegãos.^[8]

O Cristianismo é visto como uma religião ocidental e estranha ao Afeganistão. Uma década de controle militar por forças internacionais aumentou a desconfiança geral para com os cristãos. A opinião pública relativa ao proselitismo de muçulmanos feito por cristãos é abertamente hostil.^[9] Muitos dos cristãos afegãos converteram-se enquanto viviam em outros países. Prestam culto sozinhos ou em pequenas comunidades em casas privadas. De acordo com organizações missionárias cristãs, as pequenas igrejas clandestinas podem ser encontradas em todo o país, cada uma com menos de dez membros. Apesar de uma promessa constitucional de tolerância religiosa, os que são abertamente cristãos ou que

se convertem do Islamismo ao Cristianismo permanecem vulneráveis.^[10]

A Igreja Católica está presente no Afeganistão sob a forma de “missão Sui Iuris”, com sede na embaixada da Itália, em Cabul. O seu primeiro superior, o sacerdote italiano barnabita Padre Giuseppe Moretti, aposentou-se em novembro de 2014. O seu sucessor, o sacerdote italiano barnabita Padre Giovanni Scalese, iniciou funções em janeiro de 2015.^[11] Quanto às congregações religiosas, existem três “Irmãs de Jesus” envolvidas no serviço público de saúde, cinco Irmãs Missionárias da Caridade, fundadas por Santa Teresa de Calcutá, que dão apoio a órfãos e crianças com deficiência e três Irmãs da comunidade intercongregacional “Pro Bambini di Cabul”, que dão educação a órfãos e crianças com deficiência.^[12]

DESENVOLVIMENTOS RECENTES

Em 2 de junho de 2014, o Padre Alexis Prem Kumar SJ, diretor do Serviço Jesuíta aos Refugiados (JRS) do Afeganistão, foi sequestrado em Sohadat, de uma escola apoiada pelo JRS para refugiados que regressaram, por um grupo de homens armados não identificados, a 34km da cidade de Herat, no oeste do Afeganistão. O Padre Kumar foi libertado em fevereiro de 2015, depois de mais de oito meses em cativeiro.^[13]

Em 24 de julho de 2014, duas mulheres finlandesas cristãs foram assassinadas a tiro por dois homens de motocicleta. As duas mulheres, membros da Finnish Lutheran Mission (Missão Luterana Finlandesa), trabalhavam no país para International Assistance Mission (IAM) (Missão de Assistência Internacional), viviam no Afeganistão há vários anos e falavam a língua local Dari. Os antecedentes deste ataque permanecem pouco claros. O ministro finlandês dos Negócios Estrangeiros, Erkki Tuomioja, condenou os assassinatos, considerando-os como “táticas terroristas” destinadas a estrangeiros, de acordo com relatos da comunicação social finlandesa.

As comunidades sikh e hindu reportaram discriminações e disputas de terra. Contudo, de acordo com o Departamento de Estado norte-americano, o Governo reagiu a queixas anteriores e melhorou a situação. Entre outros, o Governo aprovou a disponibilização de eletricidade gratuita para os locais de culto das duas comunidades, à semelhança do que já acontece com as mesquitas. Durante o ano de 2014, o Governo destinou um local de cremação dentro da cidade de Cabul para as comunidades sikh e hindu, e disponibilizou

[7] <http://www.state.gov/j/drl/rls/irf/religiousfreedom/index.htm?year=2014&dliid=238488>

[8] <http://www.state.gov/j/drl/rls/irf/religiousfreedom/index.htm?year=2014&dliid=238488>

[9] <http://www.state.gov/j/drl/rls/irf/religiousfreedom/index.htm?year=2014&dliid=238488>

[10] <https://www.presbyterianmission.org/ministries/global/afghanistan/>

[11] http://www.nytimes.com/2014/06/22/world/asia/afghanistan-a-christian-convert-on-the-run.html?_r=0

[12] <https://kofcknights.org/CouncilSite/roundtable.asp?CNO=11302>

[13] https://en.jrs.net/news_detail?TN=NEWS-20150222084519

proteção policial para ambas as comunidades quando estas realizam os seus rituais.

A minoria xiita foi atacada pelos talibãs. Em julho de 2014, membros dos talibãs mataram a tiro quatorze xiitas hazara no oeste do Afeganistão.

Os talibãs fizeram cumprir um sistema judicial paralelo em algumas partes do país, baseado na interpretação restrita da sharia, e que incluía castigos de execução ou mutilação.^[14]

PERSPECTIVAS PARA A LIBERDADE RELIGIOSA

A liberdade religiosa, teoricamente garantida na Constituição, é limitada na prática. Pode ver-se uma melhoria ao longo do período em questão para algumas minorias religiosas. Uma grande preocupação é a proibição efetiva de conversão do Islamismo a outra religião e as graves penalizações que podem seguir a isso. É também preocupante o constante aumento da violência, com grupos militantes que atacam locais de culto e clérigos no âmbito do conflito civil.^[15] Pode-se ver uma influência crescente dos talibãs e de outros grupos extremistas, controlando áreas nas províncias a sul, a leste e, em alguns casos, a norte, sobretudo em regiões remotas.^[16]

[14] <http://www.state.gov/j/drl/rls/hrrpt/humanrightsreport/index.htm?year=2015&dliid=252957>

[15] <https://freedomhouse.org/report/freedom-world/2015/afghanistan>

[16] <http://www.state.gov/j/drl/rls/hrrpt/humanrightsreport/index.htm?year=2015&dliid=252957>